

RECOMENDAÇÕES DE O PRESBÍTERO

“Exibindo todo o cuidado de um estudioso bíblico e a sabedoria de um pastor, Cornelis Van Dam examina as principais passagens relacionadas ao presbiterato na igreja. Os leitores se sentirão desafiados, estimulados e edificados à medida que se depararem com percepções equilibradas sobre assuntos como pastoreio, disciplina eclesiástica, e caráter pessoal. Esta obra é promissora como ferramenta na capacitação de presbíteros nas igrejas reformadas.”

Christopher W. Morgan, California Baptist University

“A meu ver, *O Presbítero*, de Cornelis Van Dam, é um excelente tratamento de um tópico negligenciado. Escrito sob uma perspectiva conscientemente reformada, Van Dam olha para o ofício do presbítero sob um amplo contexto histórico-redentivo, enraizando as instruções do Novo Testamento no pano de fundo do Antigo Testamento e observando cuidadosamente a continuidade e a descontinuidade entre os testamentos quanto a esse ofício. Assim, ao situar o presbiterato na ampla metanarrativa das Escrituras, Van Dam (ele mesmo um estudioso do Antigo Testamento) apresenta-nos uma perspectiva que está em grande falta nos tratamentos contemporâneos sobre o assunto. Embora escrito para o público em geral, o livro está fundamentado em sólida pesquisa acadêmica e interage com uma ampla gama da erudição bíblica e teológica. Em especial, um ponto forte desta obra é a forma como ele bebe de fontes holandesas disponíveis acerca do assunto, que geralmente são inacessíveis ao público norte-americano. Outro ponto forte incomum é o seu tratamento sobre a flexibilidade das leis veterotestamentárias como guias para o cuidado pastoral dos presbíteros contemporâneos.

Assim, encara com seriedade a confissão reformada de que a “verdade e a essência” da Torá do Antigo Testamento permanece relevante para a vida dos cristãos hoje, e refuta a concepção errônea tão amplamente difundida de que a Torá é rígida e inflexível.”

Albert M. Wolters, Redeemer University College

“Esta obra do Dr. Van Dam amplia um crescente conjunto de material voltado para auxiliar igrejas e líderes eclesiásticos na aplicação de ensinamentos escriturísticos à organização e governo do povo de Deus. Devido a sua riqueza no ensino bíblico e cuidadosa reflexão, este livro será útil para estudos em grupo e treinamento de líderes da igreja. Seu lugar é nas bibliotecas das igrejas e nas mãos de cada presbítero e membro de igreja, como um manifesto de expectativas mútuas. Que seja útil para a glória de Cristo e para o bem-estar de sua igreja.”

Nelson Kloosterman, Mid-America Reformed Seminary

O Presbítero não é apenas mais um livro sobre liderança eclesiástica, mas uma renovada visão bíblica e teológica da liderança dos presbíteros nas igrejas locais, na qual considerações culturais recebem seu lugar apropriado. Além de argumentar em favor desse ofício como fundamental para a liderança da igreja local, Van Dam contraria a tendência atual de localizar as raízes e a prática da liderança eclesiástica principalmente, ou apenas, no Novo Testamento, apresentando uma lúcida e extensa exposição do material relevante ao tema no Antigo Testamento. Ao demonstrar a peculiar contribuição da literatura de sabedoria do Antigo Testamento para uma liderança eclesiástica bem-sucedida, Van Dam também corrige um aspecto comumente negligenciado da liderança. Como contribuição ímpar para a literatura que aborda a liderança eclesiástica, *O Presbítero* é leitura obrigatória para igrejas desejosas de um revigoramento de suas próprias tradições de liderança local, ou para capacitar presbíteros eleitos ao exercício cristão do cuidado pastoral.”

Arie C. Leder, Calvin Theological Seminary

“Desconheço outro livro que explique tão claramente a continuidade (e a descontinuidade) do ofício entre o Antigo e o Novo Testamentos como o faz o Dr. Van Dam nesta obra. Este livro provê orientação a ministros e presbíteros que lidam com questões práticas do tipo: Como podemos preparar candidatos ao presbiterato? O presbiterato deveria ser permanente, ou deveria ter um mandato indefinido? Em minha avaliação, este livro terá uma vida longa. É uma obra que será lida e relida por muitos anos.”

Arjan De Visser, Theological College of the Canadian Reformed Churches

“A contribuição do Dr. Van Dam à igreja perdurará por muitos anos. Ele é professor de Antigo Testamento, mas é também um clérigo que possui profundo amor pela igreja local. Com base nesse seu compromisso, ele estudou o que a Bíblia diz acerca do governo do presbítero, a fim de encorajar presbíteros e igrejas a se reconectarem ao ensino bíblico sobre o governo sábio, que é distinto dos modelos contemporâneos de liderança. Não sendo o governo de presbíteros uma exclusividade da forma de governo presbiteriano, espero que líderes de muitas outras denominações se beneficiem com a leitura e aplicação deste livro em suas vidas e que ele contribua para o reino do Senhor Jesus Cristo.”

Willem A. VanGemerén, Trinity Evangelical Divinity School



CORNELIS
VAN DAM

P O
RESBÍTERO

Orientação bíblica essencial
sobre um ofício indispensável
para a igreja



COM PERGUNTAS PARA ESTUDO E REFLEXÃO

O Presbítero, de Cornelis Van Dam © 2019, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente pela P&R Publishing Company com o título *The Elder* © 2009 by Cornelis Van Dam. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

1ª edição 2019 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Rodrigo Carrijo e Silva
Revisão
Paulo Corrêa Arantes
Mauro Filgueiras Filho
Mariana Ferreira de Toledo
Editoração e capa
Ideia Dois

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Sueli Costa CRB-8/5213

D154p Dam, Cornelis Van
O presbítero / Cornelis Van Dam; tradução Rodrigo Carrijo e Silva.
– São Paulo : Cultura Cristã, 2019.
240 p.
Título original: The elder
ISBN 978-85-7622-884-4
1. Pastoreio 2. Eclesiologia 3. Presbítero I. Silva, Rodrigo Carrijo e
II. Título

CDU-262

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para
Jenny Van Dam-van Rijswijk
e
em memória de Schalk Van Dam
(1922-2000)

Meus pais foram os primeiros a me ensinar
sobre o significado do ofício de presbítero.

SUMÁRIO

Prefácio	11
Agradecimentos	13
Parte 1 • Introdução	15
1. Uma visão geral do ofício	17
2. O pastor e seu rebanho	27
3. Um homem barbado	37
Parte 2 • As origens no Antigo Testamento	47
4. Os anciãos como líderes no Antigo Testamento	49
5. Os anciãos como juízes no Antigo Testamento	65
Parte 3 • Continuidade e transformação	93
6. A igreja cristã herda o ofício	95
7. Os presbíteros e as chaves do reino	113
Parte 4 • Os presbíteros como preservadores e nutridores da vida na comunidade da aliança	127
8. Governando e tendo autoridade	129
9. Disciplinando para a vida	145
Parte 5 • Mantendo a herança e edificando sobre ela	183
10. Duas questões atuais: o presbiterato feminino e a ordenação vitalícia	185
11. O privilégio do presbiterato	203
Perguntas para estudo e reflexão	215
Recursos selecionados sobre o presbiterato	221
Seleção adicional de recursos especializados	223
Índice de referências bíblicas	227
Índice de assuntos e nomes	237

PREFÁCIO

CERTAS DÁDIVAS DE DEUS necessitam ser constantemente redescobertas, a fim de que não sejam tomadas como garantidas e negligenciadas. O presbiterato é uma dessas dádivas. Embora seja um ofício que remonte a um passado distante, ele ainda é extremamente relevante e vital para o bem-estar da igreja atual.

Um dos desafios atuais à apreciação correta do presbiterato é uma frequente desconexão com suas raízes históricas. Este estudo busca reparar essa deficiência, indo além do Novo Testamento, para os primórdios desse ofício no antigo Israel. A revelação divina no Antigo Testamento nos ajuda a enxergar aspectos da grandeza desse glorioso ofício. Embora haja descontinuidades entre o Antigo e o Novo Testamentos, os princípios permanentes que guiaram os anciãos na Antiguidade permanecem normativos, relevantes e uma bênção para a igreja atual.

Tudo isso possui implicações para a vida cotidiana. De fato, minhas experiências práticas de dez anos de pastorado me fizeram perceber que era necessário elaborar um estudo acerca do presbiterato baseado na totalidade das Escrituras, a fim de chegar a um entendimento mais claro das reais implicações pertinentes à identidade e aos deveres desse ofício. Entender o pano de fundo e a história desse ofício nos ajuda a apreciar o que presbíteros regentes e presbíteros docentes têm em comum, bem como onde as suas responsabilidades diferem e como as suas tarefas devem ser exercidas em justiça e equidade.

O leitor observará que interesses diários e lições virão à tona à medida que delinearmos o presbiterato através dos tempos bíblicos. Esse benefício prático surgiu repetidas vezes enquanto eu ministrava palestras utilizando o material que forma a maior parte deste livro. Minha esperança, portanto, é que esta publicação sirva como um valioso recurso e um encorajamento aos presbíteros e seu trabalho. A compreensão dos princípios bíblicos essenciais que impactam esse ofício os capa-

citará a realizar suas tarefas de maneira mais confiante e eficaz. Este livro, contudo, não se destina unicamente aos presbíteros. Nutro esperanças de que estudantes de teologia, líderes de igrejas e membros de igrejas também sejam capazes de se beneficiarem dele e adquirirem maior consideração pelo ofício de presbítero.

Perguntas para estudo e reflexão foram incluídas no final do livro. Elas podem ser usadas por presbíteros docentes e regentes, seminaristas e estudantes universitários, bem como por grupos de estudos bíblicos na igreja. Aos que possuem maior inclinação à erudição, que desejam mergulhar mais fundo em algum aspecto particular, recomendo consultar as notas de rodapé e a seleção de recursos especializados no final deste volume.

Que esta publicação sirva para aprimorar o entendimento bíblico e o funcionamento do ofício de presbítero e, dessa forma, seja uma bênção para o povo de Deus, para o seu louvor e glória.

AGRADECIMENTOS

GOSTARIA DE EXPRESSAR minha gratidão a Robert Peterson por aceitar esta publicação em sua série. Tem sido um enorme privilégio trabalhar com um editor tão perceptivo, diligente e encorajador. Ademais, agradeço enormemente as contribuições de Allan Fisher, Marvin Padgett e Eric Anest no processo de publicação desta obra.

Tenho também o prazer de agradecer às seguintes pessoas que leram parcial ou integralmente o manuscrito antes de sua publicação, tecendo seus comentários sobre ele. Me auxiliaram as contribuições de Adriaan J. de Visser, Nicolaas H. Goo-tjes, Gerhard H. Visscher, James Visscher, G. I. Williamson e Albert M. Wolters. É desnecessário dizer, mas os pontos de vista aqui expressos, bem como as imprecisões remanescentes, são de minha responsabilidade.

Para as questões de estudo, fui imensamente auxiliado por Douwe Agema, Nelson Kloosterman, Gijsbertus Nederveen, Gerard Nordeman e Rodney Vermeulen.

Sou também muito grato à assessoria editorial de Chris Morgan e Beth Ann Brown. Seus esforços aprimoraram grandemente esta obra.

Minha gratidão também a Margaret Vandervelde, bibliotecária do Theological College of the Canadian Reformed Churches, onde leciono. Ela esteve sempre disposta a me prestar assistência.

Por fim, mas não menos importante, pude contar com o inabalável apoio de minha esposa, Joanne, ao longo dessa jornada. Ela também me auxiliou na leitura de prova e na preparação dos índices.

PARTE 1

*I*NTRODUÇÃO

UMA VISÃO GERAL DO OFÍCIO

O QUE SIGNIFICA SER presbítero na igreja hoje? Será que os presbíteros ainda possuem uma função real, ou o seu ofício é nada mais que uma curiosa relíquia do passado? Às vezes, tem-se a impressão de que o presbítero não é sempre honrado à altura do que seu ofício lhe garante. De fato, a experiência mostra que o menosprezo por esse ofício não é incomum, até mesmo por parte daqueles que mais deveriam se beneficiar dele, a saber, os membros da igreja local. Presbíteros fiéis são normalmente os heróis desconhecidos em muitas igrejas presbiterianas e reformadas, e, com frequência, sua labuta não é completamente compreendida, nem devidamente apreciada.

Ainda assim, esse ofício é mais necessário do que nunca na vida da igreja atual. O presbiterato é uma grande bênção de Deus. Os presbíteros devem ser encorajados pela verdade de que são parte de uma longa sucessão de colegas de ofício, a quem aprouve ao Senhor, nosso Deus, equipar e usar para o benefício do seu povo. Afinal, esse ofício vem de tempos muito antigos, não apenas da igreja do Novo Testamento, mas desde o povo de Deus do Antigo Testamento. Geralmente essa herança extraordinária não é plenamente apreciada. Se pudermos, entretanto, descobrir e compreender os princípios normativos chaves que fundamentam o fiel exercício do presbiterato nos tempos do Antigo e do Novo Testamentos, redescobriremos o quão preciosa dádiva é esse ofício. Estaremos também melhor equipados para encarar os desafios que a igreja enfrenta atualmente.

A História tem demonstrado que o ofício de presbítero não pode ser tomado como óbvio. Ele precisa ser constantemente redescoberto e ter seu enorme valor reavaliado continuamente. Este livro, portanto, almeja servir aos presbíteros

docentes e regentes, estudantes de teologia, líderes e membros de igrejas, estimulando-os a uma renovada apreciação desse ofício. Esperamos atingir esse objetivo ao determinar e considerar os aspectos normativos cruciais do presbiterato como expostos no Antigo Testamento e, posteriormente, desenvolvidos no Novo Testamento, e observar como esses princípios impactam o bem-estar da igreja.

A título de orientação, iniciaremos com as seguintes reflexões:

- O que é um ofício eclesiástico?
- A continuidade do ofício entre o Antigo e o Novo Testamentos
- A descontinuidade do ofício entre o Antigo e o Novo Testamentos
- O plano deste livro

Essa avaliação inicial nos ajudará a compreender a necessidade de voltarmos ao Antigo Testamento, a fim de fazer justiça ao ofício de presbítero e compreender a sua importância para os dias atuais.

O que é um ofício eclesiástico?

Um presbítero é alguém que possui um cargo – isto é, ele possui um determinado ofício. Porém, o que é, exatamente, um ofício? Um ofício eclesiástico pode ser definido como uma tarefa dada por Deus para um serviço específico, contínuo e institucional à sua igreja, visando a sua edificação. Esse ofício especial deve ser distinguido do ofício geral outorgado a todos os crentes. Como nos lembra o Dia do Senhor 12, do Catecismo de Heidelberg, todos os cristãos compartilham da unção de Cristo, de forma que, como profetas, eles confessam o nome de Cristo; como sacerdotes, oferecem a si mesmos como sacrifícios vivos de gratidão; e, como reis, lutam contra o pecado e Satanás, triunfando sobre eles. Este livro preocupa-se, no entanto, com o ofício especial do presbítero.

Quando Deus dá uma tarefa, ele também provê os dons necessários para a sua realização. O direito ao exercício do ofício eclesiástico, no entanto, não reside nos dons que alguém possa ter, mas no Senhor que chama para o serviço. Como observou John Murray, “Para o exercício do ofício deve haver um dom correspondente, porém nem todos os dons, concedidos pelo Espírito, e necessariamente exercidos dentro da unidade do corpo de Cristo e para a sua edificação, investem os participantes no ofício no sentido em que se aplica aos apóstolos, profetas, pastores, líderes na igreja e diáconos”.¹

¹ MURRAY, J. “Office in the Church”. In: *Collected Writings of John Murray*, 4 vols. Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1976-1982, 2:358.

Nossa era da igualdade e democratização não vê com bons olhos a ideia de autoridade, incluindo a figura de um ofício especial, isto é, de Deus outorgando uma tarefa específica que contém todas as conotações de autoridade e legitimidade divinas que esse conceito traz consigo. Entretanto, se buscamos compreender plenamente a noção bíblica de ofício, e mais especificamente do ofício de presbítero, precisamos ser claros sobre esse ponto. O exercício da autoridade por uma pessoa sobre outra é justificado, e somente pode ser justificado, pelo fato de que Deus é quem concede o ofício. Deus é a fonte dessa autoridade, não a congregação. Deus também estabelece os limites dessa autoridade. Apenas Deus é soberano.²

Uma tarefa dada por Deus

Deus, segundo a sua boa vontade, chama certas pessoas para servi-lo em um ofício especial. Que verdade assustadora! Ele é o Deus vivo da terra e dos céus, cuja aparição no Sinai provocou medo e tremor no povo (Êx 20.18-21). E ele, o Deus Santíssimo, não apenas faz aliança com a humanidade, como também concede tarefas específicas a certos indivíduos dentre o seu povo, para que esses oficiais sejam seus instrumentos e até mesmo a sua voz.

É desnecessário dizer que o Senhor possui autoridade suprema e, portanto, ele pode estabelecer uns sobre outros para trabalhos específicos em diferentes formas. Por exemplo, a Bíblia nos informa com algum nível de detalhes a maneira como os sacerdotes foram ordenados e iniciaram seu trabalho em meio a uma demonstração impressionante da glória do Senhor (Lv 8–10). O processo de reconhecimento de um ancião como alguém revestido de autoridade em Israel foi consideravelmente menos dramático, mas de forma alguma isso diminuía a autoridade desse ofício e o respeito que lhe era devido.

Aparentemente, havia apenas duas formas de ser conduzido ao ofício de ancião no antigo Israel. A primeira podemos caracterizar como sendo dirigida pela providência de Deus. Nesse cenário, não se nota nenhum momento específico de ordenação ao ofício, mas por causa da estrutura da sociedade israelita num certo ponto da história, alguns indivíduos adquiriram uma posição de liderança e tornaram-se anciãos, quer fossem anciãos do povo (Êx 3.16), de uma tribo (Jz 11.5) ou de uma cidade (Jz 8.14). Que estes anciãos, de fato, ocuparam o ofício é evidenciado pela utilização do termo “ancião” com ou no lugar dos títulos oficiais, (Js 24.1; Jz 8.14; 1Rs 8.1; Ed 10.8).

A segunda forma de ser conduzido ao ofício era ser designado após ter sido escolhido pelo povo (Dt 1.13-16). Na dispensação do Antigo Testamento, é notável o envolvimento do povo na aceitação da autoridade dos oficiais sobre si.

² Ver SIETSMA, K. *The Idea of Office*. Jordan Station, ON: Paideia, 1985, p. 37-40.

Quanto à igreja do Novo Testamento, Paulo e Barnabé designaram (*cheirotoneō*) anciãos em todas as igrejas durante sua primeira viagem missionária (At 14.23). É muito provável que o processo de escolha seja relatado aqui de maneira resumida, de forma que apenas o último ato, a designação, é mencionada, e os passos intermediários, como a participação da congregação, são deixados de fora. A nota textual da NIV sugere, neste caso, que eles “elegeram”.* Semelhantemente, quando Paulo encarregou Tito de designar (*kathistēmi*) presbíteros em Creta (Tt 1.5), isso não significa que a congregação não teve participação na tarefa.³ Essa participação da igreja não seria algo inesperado, dado o envolvimento da congregação no Antigo Testamento na admissão de oficiais. De fato, a congregação havia escolhido os sete homens de Atos 6. Os apóstolos, então, impuseram-lhes as mãos e os separaram para a distribuição de alimentos entre os necessitados. A igreja escolheu (*cheirotoneō*) também um irmão para acompanhar Paulo e Tito (2Co 8.19). Além disso, o fato de que as cartas apostólicas eram direcionadas à congregação, e não apenas à liderança, realça o fato de que as congregações eram responsáveis por seus assuntos internos, sendo esperado, portanto, que participassem na escolha de seus líderes. Esse ofício pertencia à igreja local (ver, por exemplo, At 20.17; 1Pe 5.1). De fato, a Didaquê, ou Doutrina dos Doze Apóstolos, provavelmente um documento datado entre o final do primeiro e o começo do segundo séculos, instrui a igreja: “Assim, eleger (*cheirotoneō*) para vós outros bispos e diáconos que sejam dignos do Senhor”.⁴

Atualmente, alguém se torna presbítero normalmente mediante um processo que inclui o reconhecimento dos dons da pessoa e a eleição pela congregação, seguido pela instalação no ofício pela convenção ou assembleia. Em sua ordenação, o presbítero reconhece ser essa a forma pela qual Deus o chama ao ofício. Na tradição reformada, esse reconhecimento se dá quando ele responde afirmativamente a essa questão: “Você sente em teu coração que o próprio Deus, por meio de sua igreja, te chamou para esse ofício?”

Por receber seu ofício das mãos de Deus, ele representa o próprio Deus na execução de suas tarefas. Isso impõe tremendo peso e solenidade ao ofício. Uma vez que a origem do ofício do presbítero se encontra em Deus, sua autoridade não deriva, por exemplo, de uma hierarquia eclesiástica, nem da congregação,

* O mesmo ocorre na ARA. (N. do E.)

³ Ver KNIGHT, G. W. *The Pastoral Epistles*. New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p.288. O significado básico de *cheirotoneō* é “estender a mão, como o propósito de dar seu voto em assembleia”. Ver LIDDELL, G. H.; SCOTT, R.; JONES, H. S. *A Greek-English Dictionary*. Oxford: Clarendon, 1996. 1986a, 9ª ed. com suplemento revisado.

⁴ DIDAQUÊ, 15:1. Para o texto e tradução, ver EHRMAN, B. D. *The Apostolic Fathers*, 2 vols. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 2003, 1:440-41.

mas do cabeça da igreja, Jesus Cristo. É por meio de Cristo que Deus concede esse ofício hoje.⁵

A comissão divina do presbiterato impõe grandes exigências ao portador do ofício, as quais ele não é capaz de satisfazer por si mesmo. Ele necessita, portanto, executar suas tarefas piedosamente, em consagrada dependência da Palavra e do Espírito (At 14.23).

Um serviço específico para edificação

O serviço do ancião em Israel diferia do serviço do sacerdote, do profeta ou do rei. Veremos em detalhes, mais adiante, que o ancião possuía duas tarefas principais. Eles deveriam oferecer uma sólida liderança e orientação ao povo e seus negócios de uma forma agradável a Deus. Os anciãos atuavam também como juizes. Dessa forma, eles participavam da disciplina do povo de Deus e zelavam pelo seu bem-estar.

Como ficará evidente no decorrer deste livro, alguém poderia resumir as tarefas do ofício de ancião da seguinte forma: preservar e nutrir a vida em aliança com Deus. Essas tarefas deveriam ser bastante positivas. Como representantes de Deus em suas áreas de jurisdição, os anciãos tinham que ter os mesmos anseios e desejos do povo. Por meio de seu ofício, alguns aspectos da glória do Deus que libertou seu povo e queria vê-lo desfrutando a vida com ele deveriam ser vistos e experimentados.

Por fim, devemos notar que o serviço do ancião em prol da edificação, na verdade, deve ser caracterizado pelo servir. Isso é condizente com o que o Senhor da igreja disse: “no meio de vós, eu sou como quem serve” (Lc 22.27; Mc 10.43-45). Não deve haver, portanto, um senhorio sobre o rebanho, mas sim uma busca pelo seu bem-estar (1Pe 5.3). A admoestação do apóstolo Pedro também vale para os portadores do ofício: “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. [...] Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo” (1Pe 4.10-11).

A continuidade do ofício de presbítero entre o Antigo e o Novo Testamentos

É legítimo comparar uma instituição do antigo Israel com o que encontramos no Novo Testamento, e então relacionar tudo isso com os dias atuais? Embora retornaremos a esse assunto em mais detalhes no capítulo 6, é importante considerar essa questão de forma preliminar agora. Por vezes, a nação de Israel do Antigo Testamento é vista simplesmente como uma nação que existiu num passado muito

⁵ Ver capítulo 6, na seção “A Igreja de Cristo”.

distante, sem qualquer relevância direta para a igreja hoje. Contudo, a igreja do Senhor possui, ainda hoje, uma continuidade direta com o povo de Deus do Antigo Testamento. E esse fato impacta a forma como enxergamos o presbiterato.

É preciso notar, primeiramente, que a nação de Israel do Antigo Testamento era o povo escolhido de Deus (Êx 19.6; Dt 7.6), que havia recebido as promessas da vinda do Rei messiânico e Servo sofredor (Gn 49.10; Is 53). Quando o Messias prometido, o Senhor Jesus Cristo, veio (Lc 24.25-27), aqueles que nele creram continuaram sendo o povo especial de Deus. Por conseguinte, Pedro, por exemplo, pôde chamar os destinatários de sua primeira carta de “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2.9). Essa forma de se referir aos cristãos era, obviamente, uma alusão às palavras pronunciadas pelo Senhor no Monte Sinai, quando ele prometeu que Israel lhe seria um “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19.6). De fato, a igreja é chamada especificamente de “o Israel de Deus” (Gl 6.16). A igreja do Novo Testamento é, portanto, o novo Israel de Deus, e aqueles que creem em Cristo são os filhos de Abraão (Gl 3.7).⁶

Como o novo Israel, a igreja manteve o uso do antigo ofício de ancião. Que o presbiterato cristão está enraizado no ofício israelita e judaico, está além de qualquer dúvida. Quando Lucas mencionou esse ofício pela primeira vez (At 11.30), ele o fez sem qualquer explicação, pois não havia essa necessidade. Pelo mesmo motivo, ele também apresentou o estabelecimento desse ofício cristão pela primeira vez (At 14.23) sem dar explicações. Na mente dos primeiros cristãos, que eram judeus e que haviam crescido em contato com a sinagoga e seus anciãos, teria sido absolutamente natural que o presbiterato fosse instituído em cada congregação, como de fato ocorreu. A continuidade com o passado foi mantida.

O fato de o antigo ofício de ancião se tornar um ofício cristão indica sua importância permanente. Ao mesmo tempo, esta continuidade também mostra que o presbiterato, como ele funciona hoje nas igrejas, não pode ser compreendido adequadamente sem o pano de fundo veterotestamentário. Afinal, há uma longa história por trás desse ofício.

Essa história envolveu, no entanto, muita mudança e turbulência. Houve profundas transformações políticas, especialmente a partir do período do exílio e no período intertestamentário. Ainda assim, a essência do ofício de ancião, de exercer liderança piedosa na preservação e nutrição da vida em aliança com Deus, manteve-se basicamente intacta. Os anciãos continuaram realizando seu trabalho tanto no exílio (Jr 29.1; Ez 8.1), quanto no Judá pós-exílico (Ed 5.3-11). O modo como eles exerceram

⁶ Ver mais em ROBERTSON, O. P. *The Israel of God: Yesterday, Today, and Tomorrow*. Phillipsburg: P&R, 2000; e MINEAR, P. S. *Images of the Church in the New Testament*. Filadélfia: Westminster, 1960, p.71-84.

suas responsabilidades, particularmente no cenário nacional, foi influenciado pelos desenvolvimentos históricos. Quando as unidades tribais foram, de fato, dissolvidas, famílias específicas tornaram-se gradualmente mais importantes, e algumas delas alcançaram proeminência nacional. Anciãos que constituíam essa nobreza detinham a liderança. Há evidências da existência de um “conselho de anciãos” por volta do 2º século a.C., que consistia de 70 ou 71 membros e foi o precursor do Sinédrio (1 Macabeus 12.6; 14.20). A princípio, os membros foram geralmente denominados como anciãos (*presbuteroi*). Com o passar do tempo, esse termo se tornou cada vez mais utilizado para distinguir os membros “leigos”, que provavelmente advinham da nobreza de Jerusalém, daqueles pertencentes à linhagem sacerdotal, bem como dos que eram escribas. Esta situação é refletida no Novo Testamento, onde a tríade de principais sacerdotes, escribas e anciãos é comumente mencionada como o Sinédrio (por exemplo em Mc 14.43,53,55; 15.1). Essa organização, contudo, é também chamada de “assembleia dos anciãos” (Lc 22.66; At 22.5).

Durante as revoltas do exílio e do retorno do povo, o sistema de anciãos locais foi mantido (Ed 10.7-17). É essa liderança local, que é especialmente importante para o nosso tópico, uma vez que ela conservou os aspectos fundamentais de seus pares do antigo Israel. Cada comunidade judaica possuía seu conselho de anciãos (Judite 6.16). Quando a sinagoga se tornou uma instituição consolidada, os anciãos lideravam suas atividades e, como era de se esperar, eram responsáveis por uma liderança piedosa no que julgavam ser a expectativa de Deus para com o seu povo. Eles eram igualmente responsáveis pela disciplina na congregação. Muito embora os evangelhos mostrem que o zelo da sinagoga e dos anciãos a elas associados estava frequentemente mal orientado, seu desejo de proteger seu entendimento das Escrituras é evidente. Dois exemplos disso vem à mente. Primeiro, os anciãos haviam decidido disciplinar, com a exclusão da sinagoga, qualquer um que confessasse a Cristo (Jo 9.22; Lc 6.22). Segundo, o chefe da sinagoga, que era provavelmente escolhido dentre os anciãos, ficou indignado ao ver que Cristo havia realizado uma cura no sábado (Lc 13.14). Esses exemplos mostram que os anciãos, embora equivocados, levavam suas responsabilidades a sério.

Quando as primeiras congregações cristãs foram estabelecidas por judeus crentes, não é de surpreender que elas foram naturalmente consideradas como novas sinagogas. Assim, naquele que parece ser o documento cristão mais antigo, a epístola de Tiago,⁷ a assembleia, ou reunião cristã, é mencionada como “sinagoga” (*sunagōgē*; Tg 2.2). Embora Tiago também se refira à igreja (*ekklēsia*; Tg 5.14), o fato

⁷ A carta de Tiago foi provavelmente escrita em meados da década de 40 d.C. Ver a discussão em MOO, D. J., *The Letter of James*. Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids/Leicester, Inglaterra: Eerdmans/Apollos, 2000, p. 9-27.

de ele usar o termo “sinagoga” é notável, dada a conotação judaica que ele carrega. Em outros escritos do início da era cristã, o termo “sinagoga” também era utilizado para descrever a assembleia de cristãos ou lugar da assembleia.⁸ Essa utilização do termo destaca a continuidade entre a comunidade cristã e a sinagoga que os judeus cristãos haviam deixado para trás. De fato, isso poderia ser até mesmo interpretado como uma objeção implícita à sinagoga, no sentido de que a igreja cristã passa a ser sua legítima sucessora. E da mesma forma como a sinagoga não poderia ser concebida sem o ofício de anciãos, a igreja cristã também não poderia. Sem querer sugerir que a igreja cristã adotou toda a estrutura organizacional da sinagoga judaica, o que definitivamente não ocorreu, ainda assim, o ofício de presbítero no Novo Testamento pode ser visto como herança da sinagoga judaica, o qual, por sua vez, está firmemente arraigado no Antigo Testamento.

É esse ofício, com o qual os primeiros judeus cristãos estavam bastante familiarizados, que perdurou na igreja cristã sob a direção dos apóstolos. Existe, portanto, uma continuidade com o passado. No entanto, embora isso seja assim, também existem áreas de descontinuidade que devem ser observadas com o objetivo de orientação.

A descontinuidade do ofício de presbítero entre o Antigo e o Novo Testamentos

Uma diferença significativa entre o período do Antigo e do Novo Testamentos, quanto ao nosso tema, é que no Antigo Testamento havia uma relação muito próxima entre aquilo que hoje chamamos de igreja e Estado. Os deveres sociais e civis dos anciãos, conforme descritos no Pentateuco, eram exercidos ao mesmo tempo dentro da congregação religiosa do Senhor. Israel era uma teocracia. Para ser mais exato, a assembleia da aliança e a nação de Israel não eram a mesma coisa. Apenas os circuncidados que viviam dentro das fronteiras de Israel faziam parte da congregação santa (Êx 12.38; Js 8.35). Quanto à atuação do ancião, no entanto, seria bastante difícil categorizar ou diferenciar suas tarefas como pertencentes estritamente ao campo civil, ou ao campo religioso. A liderança e o juízo exercidos pelos anciãos tomaram forma em harmonia com as estruturas do governo civil existentes. Ao mesmo tempo, eles eram exercidos dentro do e para o benefício do povo de Deus.

Essa situação do Antigo Testamento, contudo, não é mais válida para a igreja do Novo Testamento. Essa diferença de contextos significa que devemos ser cautelosos na extração de princípios que dizem respeito ao trabalho dos anciãos do Antigo Testamento que permaneçam relevantes em nossos dias e época. Utili-

⁸ Ver LAMPE, G. W. H. *A Patristic Greek Lexicon*. Oxford: Clarendon, 1961, p. 1296.

zando um exemplo óbvio, nem o presbítero nem a igreja hoje possuem autoridade civil para punir com a pena de morte. Isso não significa, contudo, que essa matéria legal do Antigo Testamento não seja relevante para as tarefas dos presbíteros na igreja atual. Alguém poderia argumentar que, da mesma forma que a pena de morte removia os membros impenitentes da igreja do Antigo Testamento do meio do povo de Deus, a disciplina eclesiástica da exclusão faz essencialmente o mesmo hoje. No entanto, o ponto é claro: ao derivar os princípios relevantes da tarefa do ancião do Antigo Testamento para os dias atuais, precisamos ser sensíveis tanto às verdades permanentes quanto às circunstâncias externas variáveis. Uma análise dos textos relevantes do Novo Testamento será indispensável para alcançarmos um entendimento equilibrado.

O plano deste livro

Nossa principal preocupação é alcançar um entendimento e apreciação renovados do ofício e do trabalho do presbítero, considerando a totalidade do material relevante do Antigo Testamento. Para tal, consideraremos inicialmente a figura geral do pastor e seu rebanho, visto que essa metáfora é fundamental para um bom entendimento dos ofícios de liderança nas Escrituras, incluindo o de presbítero.

Após considerarmos os significados e as implicações básicas dos termos para “ancião/presbítero” no Antigo e no Novo Testamentos, nos concentraremos no ancião do Antigo Testamento, juntamente com seus deveres judiciais e de liderança. Uma vez que o Antigo Testamento não possui um “manual” sobre o ofício do ancião, precisaremos analisar as evidências e separar as informações relevantes, para formar a imagem mais coerente possível a respeito desse ofício no antigo Israel. Apenas depois de obtermos um entendimento claro do lugar e da prática do presbiterato no antigo Israel, é que seremos capazes de extrair os princípios mantidos durante o período do Novo Testamento e que ainda são relevantes para os presbíteros hoje.

Quando descrevermos como a igreja cristã herdou esse ofício, também consideraremos o pano de fundo veterotestamentário das evidentes distinções entre presbíteros docentes e regentes encontradas no Novo Testamento. Além disso, os papéis judiciais e de liderança, que visam a preservação e a nutrição da vida na comunidade da aliança hoje, serão examinados à luz dos princípios do Antigo Testamento discutidos anteriormente.

Na seção que encerra este livro, consideraremos brevemente duas questões atuais: se as Escrituras franqueiam o ofício de presbítero às mulheres, e o mandato definido ou indefinido do presbiterato. Finalmente, ponderaremos acerca do privilégio desse ofício, tanto para o presbítero, quando para a igreja.

Resumindo, ao integrar os princípios do Antigo Testamento sobre esse ofício a um exame do presbiterato do Novo Testamento, esperamos redescobrir a relevância permanente desses princípios. No processo, também desejamos dar aos atuais presbíteros, bem como aos interessados na liderança, uma visão mais clara do que esse ofício engloba. Nutrimos a esperança de que tudo isso seja de algum auxílio para o trabalho atual dos presbíteros.